

14858 - Contribuições para reflexão de uma ATER Indígena: fortalecimento do sistema cultural de coletivos Guarani no Rio Grande do Sul

Contributions to reflection about an Indigenous ATER: Strengthen of Guarani cultural system in Rio Grande do Sul

SOARES, Mariana de Andrade¹

EMATER/RS-ASCAR ¹, msoares@emater.tche.br

Resumo: O presente relato da experiência da EMATER/RS-ASCAR com a execução de projetos e programas governamentais de segurança alimentar junto a coletivos Guarani no Rio Grande do Sul, desenvolvidos entre os anos de 2004-2012, tem como objetivo contribuir para reflexão de uma ATER Indígena. Esse processo foi construído de forma participativa entre os extensionistas rurais e os Guarani, com metodologias específicas e o reconhecimento do caráter multidimensional do conceito de diversidade econômica, social, cultural e ambiental. O Guarani, como horticultor, detém um saber milenar sobre a prática de agricultura que, além da obtenção de alimento, serve para a manutenção da sua agrobiodiversidade e a realização de rituais associados, portanto para o próprio fortalecimento do seu sistema cultural [Mbya reko]. É por meio de relações dialógicas entre o saber científico (técnico) e o protagonismo do saber Guarani que será possível um desenvolvimento (indígena) sustentável.

Palavras-Chave: Segurança Alimentar; Biodiversidade, Metodologia de ATER.

Abstract: This experience report which was developed between 2004 and 2012 by EMATER/RS-ASCAR with the execution of governmental programs and projects of food safety, together with Guarani Indian Tribes in the state of Rio Grande do Sul, aims to contribute to reflect about an indigenous ATER. This process was built in a participatory way among the rural families and the Guarani Indians with specific methodologies and the knowledge of the multidimensional concept of economical, social, cultural and environmental diversity. The Guarani as horticulture adepts have an millenary knowledge of the agriculture practice which, in addition to provide food, it helps maintain the agro biodiversity. Also, the rituals associated with the practice support and strengthen their cultural beliefs [Mbya reko]. Through conversation and debate between the scientific knowledge (technical) and the Guarani knowledge (indigenous) a sustainable development will likely be achieved.

Keywords: food safety; biodiversity; ATER Methodology.

Contexto

No Rio Grande do Sul, a partir de 1995, emerge no discurso oficial governamental a necessidade de políticas públicas de etnodesenvolvimento, em conformidade à legislação nacional e internacional vigente - refere-se à Constituição Federal de 1988, Convenção nº 169 da OIT – Organização Internacional do Trabalho sobre Povos Indígenas e Tribais e a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas -, a fim de reverter e/ou minimizar os impactos socioculturais e ambientais sofridos pelos coletivos indígenas na sua relação (tensa e conflituosa) com o modelo desenvolvimentista adotado pela sociedade ocidental contemporânea. Em nível estadual e nacional foram sendo construídas políticas públicas para os povos indígenas, tendo como foco dois eixos principais: o desenvolvimento (indígena) sustentável e a segurança alimentar.

Este relato da experiência da EMATER/RS-ASCAR com a execução de projetos e programas governamentais de segurança alimentar junto a coletivos Guarani no Rio Grande do Sul, desenvolvidos de 2004-2012, visa contribuir para reflexão do processo de construção de uma ATER Indígena.

Descrição da experiência

Falar em política de segurança alimentar está associado à garantia de um dos direitos universais: o direito humano à alimentação adequada. Com exceção da política de terras, a maior reivindicação dos povos indígenas no Brasil tem sido pela minimização e/ou reversão da sua situação de vulnerabilidade social, por meio do seu acesso à produção de alimentos e/ou na obtenção de renda para suprimento de suas necessidades básicas.

Os projetos e programas governamentais executados pela EMATER/RS-ASCAR junto aos coletivos Guarani no Rio Grande do Sul colocou o desafio de construir metodologias específicas de trabalho conjuntamente entre os extensionistas rurais e os indígenas.

O Guarani é tradicionalmente um horticultor, detentor de um saber milenar da prática da agricultura e manejo dos recursos naturais. Portanto, a relação do extensionista rural com um determinado coletivo Guarani, primeiro, exigiu o reconhecimento e o respeito a suas especificidades étnico-culturais para, em segundo, buscar um diálogo para a execução de um projeto de segurança alimentar.

Durante a execução do projeto de ATER Guarani, desenvolvido de 2004-2007, com recursos do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), a metodologia adotada foi a implantação de unidades didáticas - UD, que viabilizaram o processo participativo no desenvolvimento das ações de ATER. Essa opção, por um lado, rompeu com outras técnicas bastante utilizadas pela extensão rural como as unidades demonstrativas e de observação, cujo processo é meramente de transferência de uma tecnologia (saber) pelo técnico ao assistido, ou de pesquisa. De outro lado, em termos pedagógicos, possibilitou por meio de recursos de custeio, processos de aprendizagens que contribuíram na própria (re)atualização do sistema cultural Guarani [**Mbya reko**], na medida em que viabilizou a transmissão de saberes entre diferentes gerações dentro e entre as comunidades beneficiadas.

As UDs de segurança alimentar foram priorizadas em todas as comunidades Guarani distribuídas em 24 aldeias localizadas em 19 municípios, beneficiando, direta e indiretamente, 359 famílias e 1.847 pessoas - correspondem ao universo beneficiado durante toda execução do projeto (2004-2007), variando em cada ano, conforme a demanda dos próprios Guarani -, com ações prioritariamente voltadas para a viabilização do seu sistema tradicional de agricultura.

Do ponto de vista dos Guarani, o início de **Ára Pyau** [Tempo Novo] pode ser identificado pelo florescimento do ipê [**tajy**], o que significa a época de plantação. Em geral, as roças [**kokue**] foram situadas em pequenas clareiras, onde os homens realizaram o trabalho da roçada e queimada (denominado sistema de coivara). Ao redor, ficava um cordão de floresta, que manteve um micro clima, portanto conservando por mais tempo a umidade. Em meio aos tocos de madeira que não

foram totalmente queimados pelo fogo e o material orgânico acumulado juntamente com as cinzas, homens e mulheres fizeram o trabalho de capina e semeadura. Foi prática comum o cultivo múltiplo de culturas: milho [**avati**], feijão [**kumanda**], mandioca [**mandí'ó**], batata-doce [**jety**], abóbora [**andai**], melancia [**xãjau**].

Ao longo da implantação das UD's e dos projetos de segurança alimentar nas comunidades Guarani, desenvolvidos com recursos do orçamento do Estado (2008-2012), foi necessária a aquisição de gêneros alimentícios, o que viabilizou o trabalho em mutirão, de acordo com as suas redes societárias, e possibilitou-lhes interromper suas atividades de artesanato e/ou a venda da sua mão de obra como diarista, determinantes para a sua própria compra de alimentos. Cabe destacar que uma das críticas feitas pelas lideranças indígenas refere-se a "pura e simples" distribuição de cestas básicas pelo poder público e a sociedade civil. Para essas lideranças as ações de segurança alimentar não podem ser somente pensadas a curto prazo, mas em médio e longo prazos, junto com ações estruturantes nas próprias comunidades indígenas - salvo as situações de famílias que residem à beira da estrada, sem terras adequadas que lhes possibilitem o acesso aos seus próprios alimentos produzidos nas e pelas comunidades

O ato de plantar não é somente uma fonte de obtenção de alimento, mas uma estratégia de garantia da reprodução e da manutenção de sementes tradicionais, portanto da agrobiodiversidade. Mesmo com o confinamento dos Guarani em áreas reduzidas, limitadas e, em sua maioria, ambientalmente inadequadas, ainda é bastante comum a preservação dessas áreas com cobertura vegetal, através da redução na abertura de novas áreas, o que acaba resultando na intensificação do plantio de culturas num mesmo local. Isso, por um lado, tem acarretado o intenso desgaste do solo, não permitindo a rotatividade e o tempo de pousio, mas, por outro lado, tem garantido a disponibilidade de sementes.

O milho (**avati**) é a planta mais cultivada entre os Guarani. Em todas as comunidades, foi (e é) possível observar as suas sementes selecionadas, penduradas nas varandas das casas, próximas ao assento do fogo que, constantemente, esfumaçadas, impede o seu carunxamento e a garantia da sua reprodução para o período agrícola seguinte.

Avati: alimento do corpo e do espírito Guarani



Não só considerado um alimento para o corpo, mas para o espírito, o milho é fundamental para a realização de rituais, como o **Nhemongarai**, onde é feita a nominação dos Guarani, mas também o “batismo das próprias sementes”, que devem ser fumegadas, preparando-as para o novo plantio.

Como “guardiões” de seus cultivares tradicionais – e detentores de saberes associados - mesmo constatado, do ponto de vista técnico, que uma área já está(va) com desgaste de solo e/ou podem ser utilizadas tecnologias para o aumento da produtividade, os Guarani demarcam suas diferenças em relação ao “sistema do branco”. Exemplo: a sugestão da ATER, em alguns casos, do uso de insumos como calcário, cinza da casca de arroz, cama de aviário que, mesmo não se tratando de adubos químicos, é considerada “contaminante”, principalmente, no local onde serão cultivadas suas sementes tradicionais. As “sementes dos Guarani” são e foram cultivadas em locais distintos das “sementes dos brancos”, com finalidades distintas.

A relação de diálogo entre extensionistas rurais e Guarani foi (e continua sendo) indispensável para a construção de ATER indígena. De um lado, um(a) técnico(a) com uma formação limitante e limitadora para a compreensão da alteridade e, de outro lado, um sistema cultural concebido dentro de uma visão sistêmica, onde o social, natural e sobrenatureza são domínios interrelacionados. Todavia, os impactos socioculturais e ambientais do contato interétnico têm sido cada vez mais presentes para os coletivos Guarani que, em função da falta de gestão e controle dos seus territórios, têm perdido suas colheitas (e sementes tradicionais) para o avanço de animais do seu entorno.

É por meio da dinâmica das suas redes sociais, que se espalham dentro e entre estados e países, que tem se dado o intercâmbio de sementes e espécies vegetais fundamentais para sua reprodução física e cultural. O papel da ATER se revelou como um facilitador/assessor dos coletivos Guarani que foram e são protagonistas do fortalecimento do seu próprio sistema cultural [**Mbya reko**].

Resultados

A segurança alimentar e nutricional pressupõe o “acesso regular e permanente a alimentos de qualidade e quantidade suficiente”. Mas qualquer política pública deve levar em conta a percepção dos indígenas do que seja fome, segurança e/ou insegurança alimentar.

Além disso, pensar a questão alimentar indígena sob a perspectiva da quantidade suficiente e permanente rompe com a sua própria noção sobre o que seja produção e/ou obtenção de alimentos. No caso dos Guarani, o acesso à terra, ou melhor a **ka’aguy ete** [mata verdadeira] lhes possibilita a caça, a pesca, a coleta de frutas e plantas, a obtenção do mel, quanto à prática do seu próprio sistema de agricultura.

Por meio dos projetos e programas de segurança alimentar junto aos coletivos Guarani foi possível contemplar os seguintes aspectos: acesso (os alimentos estavam próximos e as sementes tradicionais puderam ser produzidas pelas e nas comunidades); qualidade (produção de alimentos limpos - no caso para o corpo e o espírito); educação alimentar (as famílias valorizaram os alimentos e seus hábitos alimentares, resgate das receitas utilizadas pelos Guarani, passando-as para as gerações

mais novas, bem como a manutenção da agrobiodiversidade); cidadania alimentar (oportunidade de escolher os alimentos que foram produzidos e consumidos). A estratégia de investimento em ações de segurança alimentar também incidiu nos indicadores de saúde que, segundo relato dos agentes indígenas de saúde e dos profissionais que atuam nas aldeias, reduziram os índices de desnutrição, assim como colaboraram (e deve continuar colaborando) com as doenças na fase adulta, entre outros, motivadas pela mudança nos hábitos alimentares, como obesidade, diabetes e hipertensão.

A ATER Indígena revela sua complexidade à medida que deve ser construída de forma participativa e levando em conta a diversidade na sua multidimensionalidade: econômica, social, cultural e ambiental (biológica). Nem toda etnia indígena é agricultora, portanto não há como transferir e/ou adequar o mesmo paradigma proposto aos agricultores familiares para os povos indígenas. Um novo modelo de desenvolvimento (indígena) sustentável somente é possível com a construção conjunta dos atores sociais envolvidos e da garantia do direito à autodeterminação dos povos indígenas.

Agradecimentos

Aos Guarani e aos extensionistas rurais que se desafiam a construir uma ATER Indígena no plural.